



RECIFE ESTÁ CEDENDO!



Recife visto de Olinda
século 21



Recife visto de Olinda
século 17

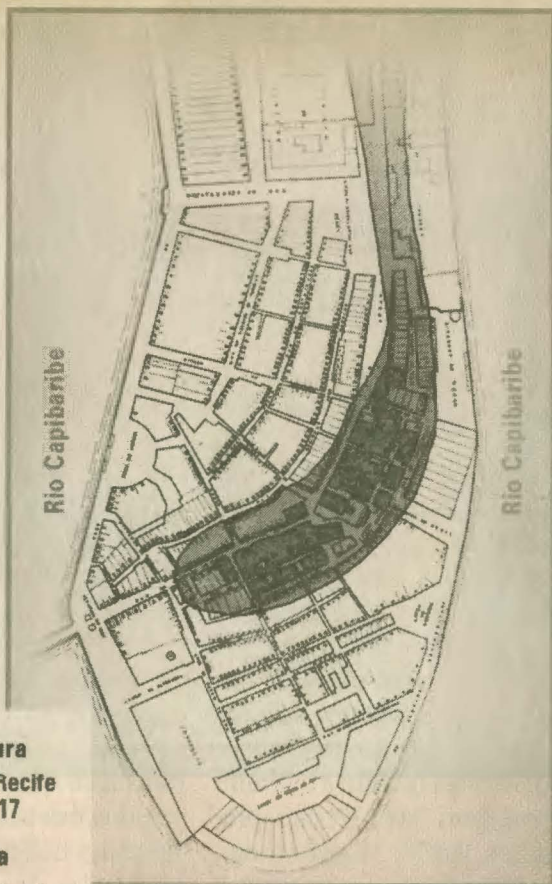
Foto: Hella Scheppl/Mapas: arquivo do Lab. de Arqueologia da UFPE / Arte: Jartas

Ariane Holzbach

A natureza vem trabalhando com a RMR há milhares de anos, mas nos últimos séculos, a ação humana reforçou muitas dessas mudanças. O homem está agindo com tanta intensidade sobre o solo que chegou a acelerar fenômenos naturais como enchentes e até a "revolta" do mar. O assunto é tema da última reportagem da série "Recife está Cedendo!", que começou na segunda-feira, dia 22.



Natureza responde à ação humana



Área escura
Bairro do Recife
no século 17

Área clara
Bairro do Recife
no século 20

História do Recife

Recife tem várias idades, pelo menos do ponto de vista geológico, já que a planície foi formada em uma época e os morros, em outra. Há 100 mil anos, a praia ia até a região onde hoje localiza-se o Aeroporto Internacional Recife/Guararapes - Gilberto Freyre. Atualmente, a área está a nove metros do nível do mar. Há dez mil anos, o mar havia sofrido um processo de recuo e a praia estava nas imediações do Canal de Setúbal. Hoje, a área está quatro metros acima do mar. Já o Recife Antigo é diferente, pois se trata de uma ilha de nível mais alto que o mar e, por isso, nunca apresentou problemas com enchentes.

Não é preciso estudar muito para perceber como a Região Metropolitana do Recife (RMR) mudou de cara nas recentes décadas. Quem tem mais de 40 anos se lembra, por exemplo, de como era extenso o litoral de Olinda. Bairros como Jardim Atlântico eram repletos de cajueiros, a praia tinha vários metros de areia e o mar nem sonhava em invadir as avenidas. Em Paulista, a situação mudou ainda mais rápido, em cerca de 20 anos. O litoral que comportava pedras, uma rica vida marinha e a areia que fazia banhistas andarem vários minutos até chegar ao mar cedeu espaço a uma destruidora maré que, hoje, quebra muros e derruba casas, para desespero de quem pensava viver tranquilo na velhice. Mas quando essas mudanças começaram? Será que é possível apontar culpados?

O arqueólogo e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Marcos Albuquerque, explica que tudo começou com a chegada dos holandeses, no século 17. Na época, como todo o leste do Brasil, Pernambuco era colônia de Portugal. Entre 1630 e 1654, os holandeses invadiram o litoral do Estado e se apossaram da região. Eles estavam afinados com a economia do açúcar e, em meio ao desenvolvimento dos engenhos e da produção açucareira, foram modificando a paisagem do Recife, principalmente da área conhecida hoje como Bairro do Recife ou Recife Antigo. Marcos Albuquerque foi um dos profissionais que trabalharam nas escavações que fizeram ressurgir a Sinagoga Kahal Zur Israel, tida como a primeira das Américas, que estava soterrada em plena rua do Bom Jesus, no Recife Antigo.

O pesquisador revela que, antes dos holandeses, o território sólido do bairro era composto por uma fina faixa de terra no rio Capibaribe que abrigava poucas construções. Os holandeses foram responsáveis pelo início do processo de aterramento das áreas próximas à sinagoga. "Para ter idéia de como era a região na época, encontramos o talude do rio Beberibe na porta de entrada do prédio da sinagoga, provando que o rio ia até ali", conta o arqueólogo.

No local, foram encontrados sete níveis diferentes de piso, resultados de sete ocupações diferentes. Duzentos anos depois do início dos aterros artificiais, o Bairro do Recife já tinha outra vista. A estreita faixa de terra "engordou" mais de cinco vezes o tamanho original, abrindo espaço para ruas e prédios e, por conseguinte, estreitando o rio Beberibe e expulsando a vida natural. Já as demais áreas da cidade, como os morros e a planície, foram completamente tomadas por construções.

Conseqüências são as mais variadas e perigosas

Aumento das enchentes, repressão das praias, invasão do mar. Em pouco mais de 300 anos, holandeses, brasileiros e portugueses transformaram a paisagem recifense e, agora, a população sofre com as conseqüências. A doutora em geologia ambiental, Margareth Alheiros, ensina que o Recife é formado por três níveis de altura e é servido por cinco estuários: Tejiúpió, Jordão, Jiquiá, Beberibe e Capibaribe. Os três primeiros entram pela Baía do Pina, enquanto o Beberibe e o Capibaribe se juntam formando um estuário comum perto do Porto do Recife. Quando o Recife tinha poucas construções, o excesso de água das chuvas infiltrava no solo e o resto era escoado para os rios.

"Hoje é diferente. O excesso de construções funciona como um impermeabilizante, impedindo que a água seja escoada pelo solo", conta a professora. Resultado: toda a água acaba escorrendo para os rios, aumentando o nível deles e inundando as regiões costeiras. Alia-se a isso o fato de que com os aterros, os rios foram estreitados, aumentando ainda mais o nível das águas. Isso quer dizer que as enchentes de hoje são maiores.

Margareth destaca ainda que a erosão que destruiu o litoral de Olinda começou com a ampliação do Porto do Recife, em 1917. "Trata-se de um efeito dominó. Com a ampliação do porto, a erosão foi transferida para o norte, em direção a Olinda". Para conter o avanço do mar, a prefeitura olindense construiu espigões de rocha em vários pontos da praia. Aí a invasão marinha foi transferida para Paulista, já que a erosão continuou avançando para o norte, chegando à praia do Janga. A lógica pode continuar: se forem tomadas medidas para conter o avanço do mar no Janga, o problema apenas mudará de endereço.

Agora que a ação do homem atingiu grandes proporções, é difícil encontrar formas de amenizar os efeitos da natureza. Olinda, por exemplo, está tentando criar praias no litoral, mas Margareth lembra que se trata de um procedimento complicado. Para diminuir as cheias, é preciso encontrar formas alternativas de escoamento da água - desde que não prejudiquem ainda mais a arquitetura natural da cidade.

Áreas altas

Praia formada há
100 mil anos(9m)

Aeroporto Internacional
Recife/Guararapes - Gilberto Freyre

Rio Jordão

Canal Setúbal

Praia formada há
10 mil anos(4m) Nível do mar
atual(0m)